



# *isto é inconfidência*

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO VI • Nº 13 • 2004



## *Crime em Ouro Preto*

páginas 4 e 5

# editorial

**O** crime que teve lugar em Ouro Preto nos últimos anos do século XIX, envolvendo Viriato Vargas e Carlos de Almeida Prado, até hoje é lembrado. Tal repercussão, entretanto, não se explica apenas por ter sido assassinado um parente de Paulo Prado, membro de família poderosa de São Paulo, proprietária àquela altura do jornal *Comércio do Estado de São Paulo*. A memória do acontecimento trágico persiste porque ele acabou sendo relacionado a Getúlio Vargas. Se o pré-adolescente de 13 anos, que acabava de ser matriculado no Ginásio Mineiro, não tivesse se tornado presidente da República, o episódio policial que abalou a cidade às vésperas da transferência da capital para Belo Horizonte possivelmente teria ficado circunscrito no tempo. A sua repercussão se esvairia com o findar daquele ano trágico.

Um aspecto de Ouro Preto que o crime veio revelar merece atenção. Existiam por aqui verdadeiras colônias de estudantes de outros estados, no momento da desavença estudantil. A briga envolveu gaúchos e paulistas. Pois bem, mais de cinquenta jovens do Rio Grande do Sul - daquele estado tão distante - freqüentavam cursos na cidade. Trata-se de fato deveras significativo, que vem comprovar a grande hegemonia cultural que Minas Gerais possuía dentro do país. Dizemos Minas porque é preciso que se saliente, o fenômeno não ficava restrito a Ouro Preto. Pela mesma época, nas vizinhanças de Santa Bárbara, o Colégio Caraça fazia valer a sua força. A riqueza do estado já havia desaparecido com a superação da fase da economia extrativa do século XVIII, mas a importância do seu ensino e o peso da sua tradição cultural continuavam prevalecendo.

Pode-se argumentar que ainda hoje é expressivo o número de estudantes de outros estados que utilizam o ensino em Minas Gerais. É necessário que se considere, entretanto, a situação de agora nada tem a ver com aquela do passado. Ninguém na atualidade está deixando a sua terra em demanda de um ensino de prestígio reconhecido. O fenômeno da presença de tantos forasteiros na atualidade em nossas escolas se explica tão somente pela desproporção existente entre o número de candidatos a vestibulares e o número de vagas disponíveis. Minas Gerais continua sendo um centro de excelência educacional. A nossa melhor universidade está entre as mais destacadas do país. Mas é preciso que se entenda, o processo científico-cultural sofre inevitavelmente a influência de fatores relacionados com o desenvolvimento material e com a possibilidade de aporte de recursos tanto mais significativos quanto possíveis. A evolução de uma região se encontra inevitavelmente condicionada pela sua situação econômica. É por isso que, no momento, a hegemonia nesse campo tornou-se uma realidade paulista.

*Capa:*

VISTA PARCIAL DE OURO PRETO  
Autor desconhecido • Fotografia (albúmen)  
Cerca de 1870 • 0,180x0,240m

*Páginas 4 e 5*

ANTIGA SEDE DA REPÚBLICA DA BASTILHA  
Fotografia de Eduardo Trópia

## isto é inconfidência

ANO VI • Nº 13 • 2004

Publicação do  
MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência  
Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000  
Ouro Preto • Minas Gerais  
Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233  
museuinc@feop.com.br

**Tiragem:**  
1500 exemplares

**Periodicidade:**  
Trimestral

**Projeto Gráfico**  
Laís Freire dos Reis

**Editor**  
Rui Mourão

**P**or incompreensível omissão, os dados bibliográficos de João de Minas não constam dos dicionários sobre autores brasileiros. Da mesma forma, nos compêndios de estudos literários só há referências vagas à sua obra. Trata-se, portanto, de escritor desconhecido até por críticos e historiadores ilustres, apesar de ter publicado, entre 1929 e 1936, mais de uma dezena de livros disputados pelo público e editado aos milheiros.

Em passado recente, a vida e a produção ficcional de Ariosto Palombo - verdadeiro nome de João de Minas - despertaram o interesse de Aderbal Freire Filho e J. Seixas Sobrinho. O primeiro transformou em peça teatral *A mulher carioca aos 22 anos* e, na reedição do romance homônimo em 1999, divulgou longo estudo a respeito do autor, sob o título de "Quem é esse cara?". O segundo estampou matérias no jornal Minas Gerais de 4 de janeiro de 1991, como resultado de pesquisas realizadas com a intenção de produzir biografia, que não se sabe tenha sido publicada.

Ambos os pesquisadores enfrentaram dificuldades enormes na tentativa de acompanhar os passos do pesquisado. Sempre buscando novas oportunidades de vida, o

## Nos caminhos de João de Minas

escritor deixou marcas em múltiplas direções, como se fugisse de investigações, ainda que póstumas. Justapondo-se os dois preciosos estudos, verifica-se que a atividade profissional de João de Minas se iniciou em Belo Horizonte, na função de revisor tarefeiro do *Minas Gerais*, por volta de 1915, quando ainda muito jovem. Em 1920, trocava o órgão oficial do Estado pela chefia de redação do antigo periódico *O Ouro Preto*, onde demoraria pouco. Andaria por Uberaba, no ano seguinte, onde assumiu uma editoria do jornal *Lavoura do Comércio*. Por lá permaneceu oito anos, intercalando o jornalismo à militância no foro criminal da região, na condição de rábula itinerante, como definiria o escritor Carmo Bernardes.

A partir de 1930, teve início a longa perambulação do inquieto jornalista. Marcam um percurso apressado passagens pelo Rio e pelas capitais de São Paulo, Minas e Goiás, além de cidades do interior paulista, como Araraquara e Santos. A imaginação fértil levou-o a se envolver com expedientes vários e cavações, como a criação de empresas jornalísticas e de publicidade, confrarias político-sociais e associações esotéricas, tudo com exclusiva finalidade pecuniária. Coroando a ação de marqueteiro em proveito próprio, fundou a eclética Igreja Comunista Cristã Científica, cuja bíblia, que escreveu na condição de líder

supremo, tem o nome de *A vida começa na ciência divina*. Seus últimos anos de vida foram passados na tranqüila Boituva, São Paulo, onde faleceu em 19 de janeiro de 1984, conforme consta da certidão de óbito.

A menção de fragmentos da trajetória rocambolesca de João de Minas vem a propósito de sua alegada origem ouro-pretana. Teria sido filho de um casal de imigrantes italianos que chegou à cidade em 1892, indo residir na ladeira das Mercês de Baixo, segundo J. Seixas Sobrinho. A data do nascimento seria 16 de dezembro de 1896, como Ariosto Palombo declararia ao se habilitar para o casamento com Adélia Maluf, a 30 de julho de 1925, em Uberaba. Não apresentaria para o ato comprovante de registro civil ou de batistério, documentos, aliás, que não logramos localizar em buscas realizadas. Em um livro ambientado em Ouro



JOÃO DE MINAS

Preto, o escritor assevera que a casa em que nasceu ficava na rua da Barra, defronte a um cruzeiro de pedra. Completa a identificação na bíblia, afirmando que o imóvel possuía "inúmeros quartos em cima e em baixo" e que o pavimento superior "fora alugado ao Dr. Feca, como filial de seu enorme e famoso colégio". A escola a que se refere seria o Colégio Mineiro, situado no Rosário, do qual foi diretor José Januário Carneiro - o Dr. Fecas. Não consta que tivesse filial. Salvo engano, a descrição remete ao prédio localizado à rua Felipe dos Santos, confluência com Carlos Thomas, onde funcionou outro educandário, nas primeiras décadas do século passado. Deduz-se daí que houve falha de memória, ou é bem provável se trate de mais uma das muitas fantasias da mente delirante de quem teria produzido literatura de alto nível, se a ela tivesse se dedicado com seriedade.

RUI RIBEIRO • ESCRITOR

# Crime em Ouro Preto

**E**ra maio de 1897. Belo Horizonte, que seria a nova capital, caminhava para a fase final de sua construção. Em agosto, já teria início a movimentação dos que partiam em demanda das terras do desbravamento pioneiro da Serra do Curral. Embora animados pela esperança do novo, sentiam-se de certa forma vendidos. Previavam as dificuldades de adaptação que teriam de enfrentar e encaravam como podiam o fato de estarem deixando para trás, em definitivo, parte de suas vidas.

Essa corrida para o sonho e para o incerto terminou por assumir aspectos de verdadeiro êxodo. A Estrada de Ferro Central do Brasil, à época única via a permitir escoamento em massa, tratou de disponibilizar uma composição de vinte e quatro carros que, o mês inteiro indo e vindo, rodaria por um trajeto especulativo, contornando serras, embrenhando-se em matas, consumindo seis horas para vencer uma extensão que hoje, por estrada de rodagem, em pouco mais de uma hora é percorrida. Famílias inteiras com seus móveis, objetos de quarto, sala e cozinha, incontáveis malas alojadas como podiam no veículo. Repartições públicas com o seu equipamento de atendimento, seus arquivos. As arrumações de última hora tornavam moroso o embarque. O ajuntamento de pessoas na estação era de despedida dos que ainda iam demorar a seguir por aquele mesmo caminho, dos que ainda estavam incertos com relação à atitude a tomar; dos que decidiram ficar e sofriram o drama do rompimento de uma convivência de anos. Em breve, Ouro Preto se converteria num deserto de estudantes e professores, dominado pela solitária e silenciosa lua, em suas noites frias.

Um capítulo da civilização plantada ao pé do Itacolomi sem dúvida estava se encerrando. A velha Vila Rica, entretanto, não veria desaparecer a sua condição de primeira capital do Estado de Minas Gerais sem conhecer a tragédia. Uma desavença de estudantes, aparentemente sem importância, provocaria o desencadear de fatos incontrolláveis.

## A ocorrência

Na república dos gaúchos, vendo a disposição de Baltazar do Bem e Viriato Vargas, o colega Domingos Veríssimo mostrou-se preocupado: "Vejam lá o que vão fazer". Os dois, na madrugada da véspera, dirigindo gracejos a um grupo de estudantes, acabaram humilhados com palavras insolentes por um dos que pretenderam ridicularizar. Domingos ainda argumentou que tudo não passara de excesso ocasionado por muita bebida. Baltazar e Viriato, porém, surdos à advertência, ganharam a rua. Desejavam, de qualquer forma, sair à forra. Depois de muito andar, encontraram a pessoa que buscavam.

O almofadinha, de casaca, cartola e bengala, de aristocrática família paulista, proprietária de jornal, conversava à

porta de uma loja, na Rua São José. Interpelado, recusou-se a se retratar. Os ânimos se alteraram. Palavras ásperas foram gritadas de parte a parte. Saiu o primeiro pescoção. Protegendo as costas contra a parede da casa o moço, em desvantagem por ter que enfrentar os dois, fez uso da arma que possuía na mão. Derrubou a bengaladas os contendores, que sangrando muito, precisaram ser socorridos.

Duas reuniões agitadas aconteceram, a partir dali. Na República da Bastilha, dos gaúchos e na dos estudantes de Direito. De um lado e do outro, enfurecidas adesões se fazendo. O novo confronto se daria ao findar a tarde daquele dia mesmo, à frente do prédio do Ginásio Mineiro, no Rosário. O grupo dos paulistas se posicionou na defensiva, ao avistar um bando de gaúchos armados de revólveres e facas, chegando pelo lado da Igreja do Rosário. Tiroteio cerrado logo aconteceria. Fugiram os que não agüentaram a carga dos recém chegados. Carlos de Almeida Prado, o pivô da briga, tombou atingido por um balaço no peito. Seu adversário principal, Viriato Vargas, ainda de cabeça enfaixada, levou um tiro no braço.

## Escapando

Os representantes da República da Bastilha deixaram às pressas o local e trataram de desaparecer. A notícia se espalhou, provocou pânico, estabeleceu estado de alarme geral na cidade. Mas nem sinal dos autores do crime. Começaram as buscas policiais exaustivas. Qualquer lugar de hospedagem onde existisse representante do Rio Grande do Sul era passado em revista. Prolongadas até altas horas da noite, as diligências contavam com a ajuda dos colegas do estudante morto. Uma prisão acabou sendo feita. A de Protásio Vargas, quando tentava embarcar na estação do Tripuí, nas vizinhanças de Ouro Preto. Ninguém mais foi encontrado. Passado o tempo, uma notícia veio à tona. Até que Viriato, recuperado do ferimento que sofrera pudesse partir, os Vargas haviam estado escondidos na casa de Octávio de Brito, líder político e professor na Escola de Farmácia.

## Na Justiça

O processo instaurado se tornou o mais rumoroso. Os sulistas negavam a versão de emboscada. Alegavam que estiveram sendo esperados por adversários armados, tanto que Viriato fora ferido. Os paulistas defendiam a tese do assassinato, versão acolhida em definitivo pelos ouro-pretanos.

A família de Carlos Prado tentou por todos os meios fazer valer o peso do seu prestígio. Nada conseguiu contra os indiciados, que permaneceram desaparecidos. Protásio Vargas, depois de aguentar sozinho o peso da hostilidade pública, ter-

minou absolvido. Kauffmann, se apresentou a julgamento. Considerado louco, passou período de internamento em casa de saúde e acabou solto. Francisco Faria seria despronunciado. Os que se mantiveram foragidos não chegaram a ser submetidos à Justiça.

A ação judicial, iniciada por um substituto, a partir de certa altura passou às mãos do titular da Vara, Juiz Antônio Augusto de Lima, poeta parnasiano e futuro governador de Minas Gerais. O desfecho do processo não deixaria de arruinar a reputação do ilustre mineiro. Houve muita interpretação maliciosa. De certa forma, dúvidas sobre a atuação do magistrado até hoje continuam sendo levantadas. Augusto de Lima Júnior, historiador, deixaria, em *Serões* e *Vigílias* uma página de defesa do pai. Mas é ele que informa, o juiz recebeu em Ouro Preto a visita do general Manuel Vargas, progenitor dos indiciados. Segundo o historiador, Manuel Vargas nada mais fez do que "agradecer as providências que haviam sido tomadas para a salvaguarda da vida" de Protásio, recolhido à cadeia. Na cidade circulou que o recém-chegado trouxera carta do poderoso cacique político do Rio Grande, Julio de Castilho, solicitando o despronunciamento dos conterrâneos.

### *Quando aparece um menino*

Sempre fora numeroso o contingente de gaúchos que se deslocavam até Ouro Preto para estudar. A fama das escolas mineiras, atraindo estudantes de tão longínquas paragens, dava demonstração de força. Diante da perspectiva de mudança da capital, permaneceria inalterável aquele fluxo de jovens que deixavam os pampas viajando centenas de quilômetros em desconfortáveis vagões de estradas de ferro, para virem se matricular na Escola de Minas fundada por Dom Pedro II, na Escola de Farmácia, na Escola de Direito ou no Colégio Mineiro. A publicidade a respeito do padrão do ensino aqui praticado ficava por conta dos ex-alunos, que desde aquela época, no desempenho de funções importantes, exibiam por todo lado a excelência da sua formação. Atrás de um gaúcho que retornava vitorioso à terra, logo aportavam por aqui dois ou três.

O crime acontecido às portas do Colégio Mineiro viera alterar por completo esse estado de coisas. Os membros da representação dos pampas de um modo geral passaram a ser repudiados e tratados com hostilidade. Os que já haviam ingressado em cursos superiores não encontravam outra saída senão permanecer. Para não ficarem grandemente prejudicados, agüentavam como podiam a situação. Os demais foram tomando rumo. Um desses não chegou na verdade a se estabelecer em Ouro Preto. Acabou sendo das primeiras baixas, embora só por circunstância muito especial tenha chegado a estar envolvido no incidente criminoso. Na verdade, ele não saiu por vontade própria. Foi conduzido para fora pelos que desejavam protegê-lo.

Refiro-me a um menino de treze anos, matriculado no ensino médio do Colégio Mineiro. Ainda vestia calças curtas, ao desembarcar na cidade. Viriato que meses atrás, à sua chegada à República da Bastilha, lhe pusera protetoramente a mão na cabeça para apresentá-lo aos colegas, havia informado: "Este indiozinho é meu irmão. Veio também para estudar".

Anos mais tarde, quando o destino definira a situação de todos os que, de uma forma ou de outra, tinham participado do trágico acontecimento envolvendo gaúchos e paulistas ou estiveram presentes em Ouro Preto naquela época, o antigo menino, feito homem, à cidade retornaria. Então, atendendo por nome que pelo Brasil afora repercutia: Getúlio Vargas. Ele vinha na condição de presidente da República, acompanhando urnas funerárias de brasileiros mortos em solo africano. O adulto chegava expedindo olhares em todas as direções, cheio de curiosidade e muito saudoso. Rompendo com o protocolo oficial, tomou a iniciativa de afastar-se para caminhar sozinho pelas ruas.

Fosse por conveniência política do governo do Estado Novo, que apelou para um símbolo nacional de grande força a fim de se comunicar com o povo, fosse porque, bem assessorado, tivesse realmente se convencido da importância cultural das velhas cidades mineiras do período colonial, o certo é que Getúlio Vargas, nos quinze anos passados no poder, muito favoreceu Ouro Preto. A cidade seria por ele transformada no primeiro núcleo urbano tombado e, depois de haver criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, para a proteção dos sítios, monumentos, obras de arte e demais documentos significativos do nosso passado, para cá trasladou os restos mortais dos heróis do movimento político de 1789, passo inicial para a criação do Museu da Inconfidência, instituição síntese, capaz de resumir no interior da Casa de Câmara e Cadeia a história de uma cidade que nasceu minerando para, com a riqueza do seu solo, estabelecer as bases de uma nação, e terminou sacrificando um grupo de seus filhos para contribuir para a independência de todos os brasileiros.

### *Retribuição de favor*

A escolha do historiador Augusto de Lima Júnior para se incumbir da missão de pesquisar, localizar e exumar no continente africano os ossos dos brasileiros que haviam sido degredados pela justiça da rainha D. Maria I, tem sido entendida como uma retribuição de Getúlio Vargas, feita através do filho, àquele que protegeu a seus irmãos, quando do crime que teve Viriato Vargas como protagonista principal. A decisão do presidente de enfrentar a forte oposição da intelectualidade brasileira, principalmente a representada pelo prestigioso Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para fazer prevalecer a sua escolha, não deixa de ser um indicativo a respeito. Não se pode deixar de considerar, entretanto, outros aspectos também relevantes da questão. Augusto de Lima Júnior era militante do Integralismo, corrente prestigiada pelo Estado Novo. Sempre foi ligado ao historiador Gustavo Barroso e este, embora afastado da Inspeção dos Monumentos Nacionais pela ação de Gustavo Capanema, ainda possuía muito poder e continuava em condições de fazer valer a vontade da agremiação política que dirigia, como segundo homem, logo abaixo de Plínio Salgado.

**O** Museu da Inconfidência possui, no Arquivo Histórico, grande volume de manuscritos musicais. Ao lado das coleções oriundas de várias localidades mineiras como Pitangui, Campanha e Ponte Nova, encontra-se a mais célebre, formada ao longo das pesquisas do musicólogo alemão Francisco Curt Lange. Para dar tratamento mais específico a esse diversificado acervo, o Museu criou o setor de Musicologia que, sob a coordenação geral de Régis Duprat, iniciou em 1982 o trabalho de catalogação e de edição de catálogos temáticos, de volumes de transcrição musicológica de partituras para execução, além de fazer o lançamento de discos.

Ao longo desses anos, mais duas coleções de música foram incorporadas: a do Arquivo Público Mineiro, que veio em regime de custódia temporária, e a de Anália Esteves Ribas, doado pela família. Toda a documentação musical que compõe o acervo - que cobre o período do último quartel do século XVIII até início do XX -, em sua maioria é de obras para missas e ofícios religiosos, mas engloba também um contingente de músicas para banda, pequeno número de músicas para orquestra, piano, modinhas e trechos de óperas.

Em 1998, o Museu recebeu por empréstimo um lote de manuscritos musicais contendo cerca de 40 obras, oriundo da paróquia de Rio Espera, no distrito de Piranga. Os manuscritos passaram por limpeza e catalogação, antes de serem devolvidos à Paróquia. Ao lidar com este pequeno acervo, pensou-se na possibilidade de atuar de maneira mais efetiva em acervos pertencentes a particulares ou corporações musicais. No

# Acervos das Bandas

intuito de implementar a ação do setor, que há 20 anos vem se especializando no tratamento deste tipo de documentação, resolveu-se estender e partilhar o conhecimento adquirido e, em contrapartida, reunir informações sobre a produção musical de Ouro Preto e região.

A sobrevivência das corporações musicais se deve em grande parte a suas raízes familiares. Seus mantenedores são fiéis depositários de tradições transmitidas pelos antepassados. O patrimônio reunido - no caso específico, o acervo de manuscritos e instrumentos musicais, livros de registros, fotografias, memória dos "causos" acontecidos e recontados, lembrança de mestres e regentes - mantém-se por conta dessa tradição, não podendo ser desvinculado de seu local de origem nem trabalhado sem a participação direta da comunidade que o preserva.

Assim, o Setor de Música do Inconfidência resolveu dar um impulso significativo às suas ações, procurando envolver-se com esses valiosos agentes de preservação das tradições comunitárias. Em Abril de 2000, reuniu-se com os presidentes das cinco entidades existentes em Ouro Preto: Banda Euterpe Cachoeirense, criada em 1856, Sociedade Musical União Social, em 1864, Sociedade Musical Santa Cecília de Rodrigo Silva, em 1901, e as sociedades

musicais Bom Jesus de Matosinhos e Bom Jesus das Flores, essas de 1932. Na reunião, foi acertada a parceria do Museu com essas corporações.

A proposta é catalogar o acervo de cada uma em sua sede, preservando o importante vínculo existente entre o músico, a história e o patrimônio da corporação. Mas não se trata apenas do patrimônio material, quer dizer, do acervo arquivístico. Procura-se preservar também o patrimônio humano, a história desses músicos, que através dos tempos foram compositores e copistas de centenas de obras instrumentais, renovando o repertório para uma comunidade ávida por novidades. No levantamento das informações encontradas nos manuscritos, pode-se chegar a dimensionar a produção musical, conhecer os compositores locais, avaliar a disseminação de repertório através das cópias das partes de música, bem como sua ação dentro da comunidade.

O Setor de Musicologia coordena os trabalhos de catalogação e orienta os músicos quanto à conservação dos manuscritos. A dinâmica de trabalho é a mesma aplicada no acervo do Inconfidência. A maneira de execução é que fica condicionada à realidade dos músicos, pois a proposta é trabalhar com pessoas ligadas às bandas.

Os dados levantados deverão ser integrados à base que compõe o acervo do Museu, para serem disponibilizados pela internet, através do seu site. Os catálogos serão encaminhados para edição e distribuídos para a comunidade científica. Logo que possível, se fará a microfilmagem desses acervos, devendo uma cópia ficar sob a guarda do Museu, para consulta.

O projeto completa o programa de Musicologia do Museu, que além de catalogar o seu acervo, dá assistência e oportunidade a instituições e particulares que possuem acervos, num trabalho de preservação que, ao mesmo tempo, subsidia a pesquisa musicológica.



ORIGINAL DE MANUEL DIAS DE OLIVEIRA

MARY ANGELA BIASON • MUSICÓLOGA

## Sala Manoel da Costa Athaide

O Museu da Inconfidência inaugurou a 7 de novembro, na Sala Manoel da Costa Athaide, a exposição "Retratos de Ouro Preto", fotografias de Dimas Guedes. A abertura, regada a vinho branco e servindo comidas típicas, contou com a presença de autoridades e pessoas da comunidade, que haviam sido retratadas na paisagem de Ouro Preto.

A exposição esteve sendo visitada até 21 de dezembro.

A Sala Manoel da Costa Athaide estará fechada para revisão do seu sistema elétrico. O espaço de exposições temporárias será reaberto no dia 23 de janeiro, com a mostra "Esculturas de Ney Araújo".

O artista plástico mineiro trabalha com os destroços que a natureza rejeita: raízes secas, restos de queimadas, galhos quebrados e seixos rolados. Através da sua obra, a natureza morta está em constante movimento de recriação.

A exposição poderá ser visitada até 29 de fevereiro.

A 12 de março será inaugurada a exposição "Brinquedos e Brincadeiras", com acervos institucionais e de particulares. Na ocasião, haverá simultaneamente mostras de filmes sobre o tema e oficinas pedagógicas, com profissionais que, numa reflexão sobre a memória e a

evolução dos brinquedos, vão ensinar a fazer o brinquedo e a desenvolver a brincadeira: carrinhos de madeira, bonecas de pano, origame, pipas, etc. A exposição ficará aberta à visita até 25 de abril.

A equipe da Seção de Difusão do Acervo e Promoção Cultural vem se preparando para realizar, como evento comemorativo do Dia Internacional dos Museus e do Dia Nacional da Luta Antimanicomial, uma exposição de Arthur Bispo do Rosário, em parceria com o Instituto Juliano Moreira, do Rio de Janeiro.

Essa mostra vem ao encontro do nosso Projeto Girassol, que busca a inclusão social de portadores de transtornos mentais, utilizando o reconhecimento do patrimônio cultural como elemento valioso para a construção da identidade.

Realizado pela Área Pedagógica, o Projeto Ludomuseu, aberto a todo tipo de público, vem se firmando como um espaço de inclusão. A equipe recebeu recentemente a visita de portadores de deficiência visual do Instituto São Rafael, de Belo Horizonte. Para que o atendimento a essa gente seja aprimorado, nossos técnicos visitarão o Instituto, para troca de experiências e divulgação do projeto, além da busca de subsídios para a preparação de material didático específico.

## Auditório - Anexo I

### Projeto Vídeo no Anexo

Em parceria com o Museu Aleijadinho, o Inconfidência realizou, de 16 a 22 de novembro, a mostra "Aleijadinho - O Artista e sua Obra", como atividade integrante da 26ª Semana do Aleijadinho. Fazendo exposições de filmes comentados por profissionais ligados às artes, cultura e restauração, o programa contou com a presença de público participativo, que sem dúvida contribuiu para enriquecer o evento. Aconteceram ainda palestras, visitas orientadas, exposição e concertos.

A partir de 6 de janeiro foram distribuídas filipetas com a programação das férias. Os filmes, com censura livre, dos gêneros comédia e aventura, têm exibição a tarde e a noite, para alcançar maior número de espectadores.

### Área Pedagógica

O setor estará retomando em fevereiro as atividades do Projeto Inconfidências, de visitas orientadas à exposição permanente, e do Projeto Ludomuseu, que busca promover o entendimento da dinâmica museológica através da discussão dos conceitos de memória, identidade, cidadania e alteridade. Agendamentos podem ser feitos pelo telefone (31) 3551.1378.

O Projeto Museu-Escola, como sempre, inicia as suas atividades no período em que as escolas recomeçam o ano letivo.

## PERFIL



HUMBERTO MAURO EM CATAGUASES

## Humberto Mauro

*N*asceu a 30 de abril de 1897 em Volta Grande, Minas Gerais, onde instalou no início dos anos 50 o estúdio Rancho Alegre. Em Cataguazes, cidade vizinha, em 1925 empunharia pela primeira vez uma câmera filmadora.

Pioneiro e visionário, homem simples e genial, Humberto Mauro traduziu em película, tanto nos curtas como nos longa-metragens, a mineiridade que muitos contemporâneos seus registravam em palavras. Estão presentes em seus filmes, como no curta A Velha a Fiar, as festas populares e a cidade identificada.

Pioneiro em Minas Gerais, Mauro foi o expoente do chamado "ciclo de Cataguazes", que marcou fase fundamental na história do cinema brasileiro. No Rio de Janeiro, se juntaria a outro pioneiro, Ademar Gonzaga, produzindo filmes para a Cinédia e, ao lado de Carmem Santos, trabalharia na Brasil Vita Filmes. Foi numa época difícil, quando a linguagem cinematográfica não havia ainda se enraizado no país. Humberto Mauro era de uma modernidade indiscutível e se orgulhava de não possuir curso de cinema. Seu conhecimento vinha do olhar; o mundo abordado, da paisagem mineira. Ele proclamava: "Não sou literato, sou poeta de cinema".

Realizou épicos, como o Descobrimento do Brasil, de 1937, e obras mais intimistas, como Ganga Bruta e Sangue Mineiro, que são de 1929. Em Canto da Saudade, de 1952, fez uso de recursos moderníssimos para a época.

Retornando a Minas na velhice, juntou-se aos parentes em sua cidade natal, onde morreu em 1983, aos 86 anos.

MARGARETH MONTEIRO • HISTORIADORA

## Notícias

O Museu da Inconfidência, a caminho de ampla reformulação, deseja preservar, como documento, a sua fisionomia atual. Mandou fotografar a exposição projetada pelo decorador suíço George Simoni, que foi muito bem recebida pelos meios culturais da época e permaneceu praticamente inalterada desde 1944, data da criação do órgão. Dimas Guedes, encarregado do trabalho, produziu material da melhor qualidade.

## Depositário

O Museu da Inconfidência ficou como depositário de peças de arte sacra apreendidas pela Polícia Federal as quais, pelo que consta, teriam sido objeto de furto na região de Ouro Preto. São 32 obras, somando imagens e talhas. O conjunto não é de grande significação, mas nele se destacam um São Sebastião de médio porte, esculpido em madeira, com restos de pintura, e uma Pietá em terracota policromada.

## Proteção

Refletindo a preocupação da elite cultural mineira, que deseja ver seu patrimônio histórico e artístico devidamente protegido, a promotoria pública e a Polícia Federal efetivaram numerosas apreensões de peças de arte sacra em antiquários de Belo Horizonte e São Paulo. Como a imprensa passou a noticiar com destaque tais operações, exibindo muita fotografia de objetos e chamando a atenção para algumas autorias de prestígio, a impressão do observador comum é a de que o número de roubos nessa área tem crescido assustadoramente. Na verdade, o que ocorre não é bem isso.

A consciência da necessidade de preservar é que está crescendo. A recuperação do que foi roubado vem se fazendo nos dias atuais de maneira mais efetiva e os resultados aparecem. Antes, os furtos aconteciam e, como não se tomava nenhuma providência, logo caíam no esquecimento. A sociedade se encontrava inerte, parecendo acreditar, pelo seu comportamento, que não existiam meios de reverter a situação.

## Aleijadinho

As homenagens que são prestadas ao Aleijadinho, por ocasião do aniversário da sua morte, este ano deixaram de ser apenas discurso à beira do túmulo na Matriz de Antônio Dias e entrega da medalha que leva o seu nome. Houve uma semana de atividades diversificadas, a cargo das entidades mais prestigiosas de Ouro Preto. O tributo ao patrono das artes no Brasil foi transferido, assim, para o âmbito da sociedade civil. Trata-se de mudança que pode ter conseqüências benéficas para o futuro. Ela veio mostrar que, tornando-se tradição, se constituirá em mais um ciclo anual de atividades culturais, com os problemas da cidade sendo amplamente debatidos.

## Fórum

A Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP está planejando, com amplo apoio, o Fórum Internacional de Arte, a ser realizado em julho de 2004. Estão previstas atividades múltiplas, envolvendo cursos, palestras, seminários, exposições, apresentações teatrais, exibições de filmes, etc. A intenção dos organizadores não é estabelecer a superposição com o Festival de Inverno, que mantido atualmente pela UniBH, continuará existindo. O

Fórum terá início mais para o final do mês, quando a outra promoção já estiver a caminho do seu encerramento.

A cidade de Tiradentes foi pioneira na organização de eventos culturais que tiveram como consequência a ampliação do movimento turístico e a sua consolidação como centro de atração cada vez mais frequentado por mineiros, paulistas e cariocas. Parece que Ouro Preto está interessada em palmilhar o mesmo caminho para incrementar ainda mais a freqüência de visitantes, que continua numerosa.

## Incremento

O Centro de Convenções, mantido pela UFOP afinal parece que se desencantou. Tem sido expressivo o número de eventos ali realizados. Seguidamente a cidade tem recebido convencionais de todas as profissões e de todas as procedências, que aumentam a freqüência de hóspedes nos hotéis, movimentam restaurantes e engrossam as filas à porta dos museus

## Medalha

O Projeto Museu-Escola, desenvolvido pelo Setor Pedagógico do Museu da Inconfidência, voltado para atendimento à população escolar da cidade, acaba de conquistar mais uma vitória. Recebeu a Medalha João Batista Ferreira Velloso, da Câmara Municipal de Ouro Preto.

## Centenário

A data de 12 de dezembro marcou a passagem do centenário de Francisco Curt Lange, o musicólogo que reescreveu a História da Música no Brasil, ao trazer para o conhecimento nacional e internacional um século de musicalidade que os brasileiros ignoravam.